Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

2016

Artigos

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

A INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA COMUM: Desafios e Possibilidades

Wiviane Benini[1]
André Paulo Castanha[2]

Resumo: Este artigo foi produzido como atividade final do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, turma 2016. Tem como objetivo apresentar de forma sistematizada e organizada a síntese dos estudos e discussões realizadas no Projeto de Intervenção Pedagógica e Implementação na escola. Ao longo deste texto pretendemos introduzir os fundamentos a respeito da condição autista, colaborando para o enriquecimento conceitual dos docentes, bem como incentivar o debate acerca das práticas e ações educativas voltadas para estes estudantes. É nossa intenção contribuir, significativamente para o enfrentamento dos desafios que a escola encontra na escolarização e socialização destes alunos, possibilitando aos profissionais um novo olhar vislumbrando possibilidades no ensinar e aprender. Assim este texto traz conhecimentos importantes sobre a condição autista, oportunizando conhecer algumas estratégias e recursos pedagógicos que podem auxiliar no processo de inclusão dos estudantes com autismo na escola comum.

Palavras-chaves: Inclusão de alunos com Autismo, Escola Comum, Pratica Pedagógica.

1. Introdução

Como sabemos, não é de hoje que a educação inclusiva é objeto de estudo e pesquisa, muitos professores que realizaram o Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE já o fizeram, contribuindo, para o fortalecimento do processo de inclusão nas escolas do Estado do Paraná.

No entanto, percebemos que a cada ano, os desafios aumentam e não podemos deixar de refletir sobre esta temática, principalmente porque, cotidianamente, recebemos em nossas salas de aulas, alunos que necessitam de um olhar mais apurado sobre o seu processo de escolarização. São alunos com diferentes condições, deficiências físicas, visuais, intelectuais, altas habilidades/superdotação e mais recentemente os alunos com Transtorno do Espectro Autista - TEA.

Entendemos que a presença deste último segmento de estudantes na escola tem gerado a necessidade de aprimoramento das praticas educativas e pedagógicas, uso de recursos e principalmente da instrumentalização de professores para que possam compreender as especificidades que estes alunos apresentam nos processos de socialização e aprendizagem.

---

[1] Professora Pedagoga da Rede Estadual de Ensino do Paraná. Participante do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE - 2016). Graduada em Pedagogia e Pós-Graduada em Educação Especial.

[2] Professor do Colegiado de Pedagogia e do Programa de Mestrado em Educação da UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão. Doutor em Educação e orientador no programa PDE. E-mail: andrecastanha66@gmail.com

Acreditamos, ainda, que o Autismo é uma condição pouco conhecida entre os profissionais da escola e que na implementação de processos inclusivos muitos obstáculos são percebidos, sobretudo a insuficiência de um atendimento educacional apropriado as suas necessidades.

Se perguntarmos a muitos professores que atuam em escolas inclusivas poucos saberão definir com exatidão aspectos e características, preferindo tomar para si um discurso equivocado e obscuro do que seja o Autismo.

Neste sentido, apuramos a necessidade de trazer o debate sobre o tema na escola, realizando a leitura cuidadosa a respeito do assunto evidenciando, sobretudo os desafios e possibilidades presentes na inclusão destes estudantes.

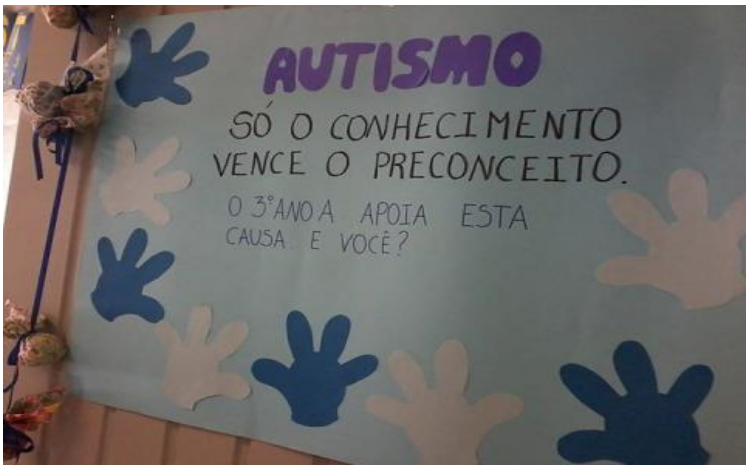
Assim, motivados a realizar esta discussão elencamos um problema que norteou a elaboração do Projeto de Intervenção e Produção Didática Pedagógica. Como os professores podem contribuir para a inclusão dos alunos com TEA nas salas de aula do Ensino Comum?

Para responder esta questão, aliamos o estudo bibliográfico a uma proposta de intervenção que nos permitisse conhecer mais sobre a realidade escolar e também contribuísse para a instrumentalização de Professores e Pedagogos que estão diretamente envolvidos com a escolarização e inclusão dos alunos com TEA.

Logo, este artigo, tem como objetivo, apresentar ao leitor a síntese dos estudos e discussões realizadas no Projeto de Intervenção Pedagógica e Implementação na escola e incentivar o debate acerca das práticas e ações educativas voltadas para estes estudantes. Buscamos, também ao longo deste texto, destacar o papel da tecnologia no âmbito da educação de autistas ressaltando os possíveis benefícios do seu uso no apoio e aprendizagem.

Assim, para melhor compreensão, primeiramente faremos menção sobre os Conhecimentos sobre o TEA e suas Características; no segundo momento seguiremos com a discussão sobre a Mediação no Processo de Escolarização ao Aluno com Autismo; e no terceiro momento abordaremos sobre O Uso de Recursos que podem ser explorados no processo de Ensino dos Alunos. Por fim apresentaremos o relato da implementação do projeto na escola expondo os resultados e tecendo as Considerações Finais.

2. Transtorno do Espectro Autista Do que Estamos Falando?



Fonte: http://rede.novaescolaclube.org.br/

O termo Autismo tem origem grega quer dizer "autós" ou "de si mesmo", foi empregado dentro da psiquiatria, para denominar comportamentos humanos que centralizam-se em si mesmo, ou seja, voltados para o próprio individuo. (ORRU, 2012, p.17).

Os primeiros estudos e investigações cientificas sobre o autismo foram apresentados pelo Dr. Leo Kanner na década de 1940. Em seu estudo publicado em 1943, sob o nome de “distúrbio autístico do contato afetivo, Kanner concebeu o Autismo como um quadro de psicose, originado pela falta de amor parental, determinando um comportamento estranho na criança, uma incapacidade de estabelecer relações com outras pessoas, fuga da realidade, isolamento e um comportamento obsessivo.

Paralelamente as pesquisas de Kanner, Hans Asperger no ano de 1944 também identificou em crianças alguns sintomas semelhantes, no entanto, desligado da teoria psicogênica de Kanner, Hans Aspeger levou outros pesquisadores anos mais tarde a investigar as características e os amplos espectros apresentados pelo autismo tendo como bases novas abordagens.

Atualmente, o Autismo é considerado um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes desde idade muito precoce, tipicamente antes dos três anos de idade, com impacto múltiplo e variável em áreas nobres do desenvolvimento humano como as áreas de comunicação, interação social e aprendizado (MELLO, 2007, p. 16).

Segundo a última edição da Classificação Internacional de Doenças - (DSM-V, 2014), oficialmente adotada pela legislação brasileira (padrão adotado pela OMS - Organização Mundial da Saúde), o autismo, o transtorno desintegrativo da infância e a síndrome de Asperger foram absorvidos por um único diagnóstico, chamado de Transtorno do Espectro Autista - TEA.

Conforme este documento os Transtornos do Espectro Autista, foram incluídos como parte de um grupo denominado Transtornos do Neurodesenvolvimento, cuja condição se manifesta muito cedo geralmente antes do ingresso da criança na escola.

Dentre as características dos Transtornos do Neurodesenvolvimento estão os déficits que acarretam prejuízos no funcionamento pessoal, social e acadêmico, os quais variam desde limitações muito específicas na aprendizagem ou no controle de funções executivas até prejuízos globais em habilidades sociais ou inteligência.

Segundo a ONU, a estimativa e prevalência dos casos de TEA chegou a 1% da população mundial, ou seja, cerca de setenta milhões de pessoas. No Brasil, não há dados oficiais sobre o número de autistas, porém, estimou-se que no ano de 2010 já havia a soma de dois milhões de casos, tornando a sua ocorrência mais comum do que a soma dos casos infantis de câncer, diabetes e AIDS juntos (DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2011).

Este aumento de diagnósticos mobilizou pesquisadores e especialistas do mundo inteiro na busca de respostas às possíveis causas e até mesmo cura do autismo, porém, sem respostas conclusivas, o que mais temos percebido é o crescente reconhecimento sobre a importância dos métodos de intervenção precoce e o inicio da socialização em ambiente escolar.

Nos últimos anos houve um crescimento considerável de crianças e jovens com TEA, frequentando as Escolas Comuns, este aumento, se deve a instituição de Leis e Políticas Públicas, fruto também da luta incansável de pais e familiares pelos direitos da pessoa com deficiência na sociedade.

Recentemente, a Lei nº 12.764/2012 - Lei Berenice Piana, estabeleceu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, prevendo o acesso a um sistema educacional inclusivo em todos os níveis de ensino e atendimento por profissionais capacitados a desenvolver atividades com vistas à inclusão. De acordo com este novo ordenamento, o aluno com autismo tem

garantido o seu direito de estar na escola e ter atendimento por profissionais preparados como preconiza a legislação.

No entanto, ainda faltam condições apropriadas que garantam a permanência deste aluno na escola, principalmente no que tange a formação dos profissionais para atuar com a escolarização destes estudantes. Na prática, o que se tem percebido é o pouco conhecimento sobre esta condição de deficiência.

Para Orrú (2012), as pessoas autistas são ainda pouco compreendidas pela sociedade, devido à falta de conhecimento sobre esta condição. Segundo a autora, o desconhecimento e a falta de informação sobre o autismo produz certa incompreensão, fazendo com que as pessoas reproduzam conceitos deturpados sobre o assunto.

> [...] quando as pessoas são questionadas sobre o autismo, geralmente são levadas a dizer que se trata de crianças que se debatem contra a parede, tem movimentos esquisitos, ficam balançando o corpo, e chegam até dizer que são perigosos e precisam ser trancados em uma instituição para deficientes mentais. São falas que revelam desinformação a respeito dessa síndrome (2012, p. 37).

De acordo com Cruz (2014), a exclusão social do autista emerge das concepções preconceituosas a respeito do autismo. A autora também afirma que há uma posição por parte da sociedade seguindo as próprias limitações da pessoa com autismo, quer seja nas relações e interações que determinam sua privação das relações sociais.

Esta autora considera que as dificuldades derivadas das insuficiências presentes no autista são, antes de tudo, significadas pelo grupo social que as constituem, como capazes ou incapazes e que, o baixo investimento nos processos de socialização e ensino pautam-se por considerar seu desenvolvimento inferior ao de outras crianças, construindo-se condições empobrecidas de experiências sociais. Contudo, para essa autora:

> [...] cabe exatamente ao processo educacional destas pessoas a tentativa de desenvolvimento dessas insuficiências através do que são capazes de realizar investindo no processo de interação com o grupo social (2014, p. 60).

Cruz também enfatiza que as limitações constitutivas de natureza biológica, não devem de maneira nenhuma anular a existência cultural e social da pessoa com autismo e que as possibilidades de seu desenvolvimento, através da interação social podem determinar avanços significativos.

> É necessário que não sejam focalizados apenas os defeitos como esta posto, mas que os déficits sirvam como fonte de demonstração de novas capacidades, caminhos alternativos produzidos na coletividade para suprir as possibilidades das ausências (2014, p. 63).

Segundo esta autora, o déficit e as limitações não podem definir quem é a pessoa com autismo e a sua condição não pode ser limitadora de seu desenvolvimento, acredita ainda que a vivência social em diferentes ambientes, especialmente, o escolar é de grande importância e que a escola deve cooperar para viabilização de caminhos e condições para o desenvolvimento e apropriação de conceitos, ainda não adquiridos por estes alunos.

3. Compreendendo as Características no TEA.

Ao falarmos sobre a inclusão dos alunos com transtornos do espectro autista na escola se faz necessário conhecer algumas das características destacando comportamentos muito comuns às pessoas com este diagnóstico. Como já pontuado anteriormente algumas das características presentes em crianças e jovens com autismo são os déficits nas áreas de comunicação e interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento e interesses específicos.

Orrú (2012) ressalta que uma das características mais marcantes no desenvolvimento da maioria das crianças com Transtornos do Espectro Autista, percebidas na escola, são os déficits de comunicação e linguagem, ausência da linguagem verbal ou o seu desenvolvimento tardio.

Não apenas os autistas em situação de maior comprometimento apresentam problemas em sua comunicação, esta parece ser uma característica presente nas crianças e jovens com esse diagnóstico em todos os níveis (ORRÚ, 2012, p. 39).

Para esta autora, as pessoas com autismo costumam ter dificuldade de se expressar adequadamente, apresentando algumas inabilidades quanto à comunicação, sendo as mais comuns à ausência de espontaneidade na fala; fala pouco comunicativa com tendência a monólogos; utilização do pronome pessoal de terceira pessoa; frases gramaticalmente incorretas; expressões bizarras, neologismos; dificuldade de compreensão de informações e significados abstratos, além da ecolalia.

Outra dificuldade do desenvolvimento está relacionada à área de interação social. Geralmente as crianças ou jovens com TEA apresentam dificuldades em

estabelecer relações sociais com seus pares. Essas inabilidades, muitas vezes intrínseca, podem também ser fortalecidas pelos grupos que não entendem que este é um comportamento peculiar.

As crianças ou jovens com este diagnóstico podem até buscar contatos sociais, mas devido a estas características acabam ficando isoladas por terem comportamentos diferenciados. Nota-se também nestas pessoas certa inabilidade em reconhecer os sinais sociais, como gestos e intenções.

De acordo com Passerino:

> Esse déficit na simbolização, afeta a comunicação, pois há necessidade de um uso ativo de símbolos para representação, especialmente quando se trata de situações que envolvem elementos mais abstratos como sentimentos, emoções, entre outros (2012, p. 227).

A pessoa com TEA pode também apresentar dificuldades de organização, planejamento e compreensão de conceitos abstratos, podem ainda, apresentar interesses restritos, como por exemplo, apego a objetos ou interesses específicos.

De acordo com o Manual para as Escolas (2011), algumas pessoas com TEA podem também apresentar habilidades incomuns que permitem em muitos casos superar outras áreas de déficits, por exemplo: forte destreza visual, facilidade de entender e reter alguns conceitos, regras, e sequências; excelente memória para detalhes ou fatos mecânicos; memória de longo prazo; capacidade em informática, habilidades tecnológicas ou interesse musical; intensa concentração ou focalização especialmente em áreas de atividade preferidas; habilidades artísticas, matemáticas e a honestidade.

Estas características e habilidades podem determinar áreas de investimento pedagógico, desafiando a escola no desenvolvimento de novas práticas e abordagens metodológicas, sempre com vistas à inclusão.

4. Mediação Frente ao Transtorno do Espectro Autista.

A aprendizagem é considerada um aspecto fundamental para o desenvolvimento do ser humano. O homem, diferente do animal, ao longo da vida vai apropriando-se de saberes importantes, inserindo-se no mundo simbólico da cultura transformando-se e modificando o mundo através da participação do outro.

Rego (2014) analisa as contribuições da teoria histórica cultural a partir dos estudos de Vygotsky, o qual atribuiu enorme importância à dimensão social e ao

papel da mediação para a vida humana. Segundo a autora, estes estudos trouxeram importantes contribuições para a educação à medida que oferecem elementos importantes para a compreensão do desenvolvimento e aprendizagem do ser humano.

> Na perspectiva histórico cultural, o indivíduo se constitui enquanto tal não somente devido aos processos de maturação orgânica, mas principalmente através de suas interações sociais, a partir das trocas estabelecidas com seus semelhantes. As funções psíquicas humanas estão intimamente vinculadas ao aprendizado, a apropriação do legado cultural de seu grupo (2014, p. 109).

Orrú (2012) destaca as contribuições de Vygotsky e a abordagem histórica cultural para a compreensão do papel importante que a escola e a ação mediadora do professor têm na aprendizagem, no desenvolvimento das funções psicológicas superiores e na formação de conceitos.

A referida autora destaca a importância do que Vygotsky denominou de zona de desenvolvimento proximal como: “A capacidade de resolução de problemas, a partir do auxílio de outras pessoas que se encontram mais possibilitadas, indicando que poderá a ser autônoma no porvir quando o seu nível de desenvolvimento permitir” (2012, p. 97). E sobre a ação mediada esta mesma autora acrescenta:

> [...] a ação mediada na Zona de Desenvolvimento Proximal desperta processos internos diversos e executa funções e processos até então não maduros no aluno, auxiliando o professor, enquanto agente de mediações, como um instrumento importante em seu trabalho [...] o professor, em sua relação com o aluno, conduz a apreensão dos significados tomados, como também dos conceitos elaborados, além de fazer uso de instrumentos e da própria linguagem em seu processo de ensino e aprendizagem, tornando o conhecimento mais acessível. Ele atua como um agente de mediações entre o contato de seu aluno e a cultura que é desenvolvida na relação com os outros, proporcionando aquisição de conhecimento, a partir de circunstâncias diversas que geram a compreensão significativa (2012, p. 98).

Em outro texto, Orrú, destaca a importância da abordagem histórico cultural ressaltando o papel que o professor desempenha na mediação escolar.

> Na perspectiva da abordagem histórico-cultural, o aluno é sujeito ativo de seu processo de formação e desenvolvimento intelectual, social e afetivo. O professor cumpre o papel de mediador desse processo [...]. Nesse processo de mediação, o saber do aluno, enquanto sujeito ativo é muito importante na formação de seu conhecimento. O ensino é compreendido como uma intervenção repleta de intencionalidade, inferindo nos processos intelectuais, sociais e afetivos do aluno, visando à construção do conhecimento (ORRÚ, 2010, p. 09).

Esta autora recorre aos pressupostos desta teoria, pois, percebe que falta ao aluno com autismo uma abordagem educacional que o compreenda como um ser social, capaz de aprender e internalizar conhecimentos e que não reduza sua educação ao treinamento de habilidades, mas que esteja aberta à sua constituição contextualização histórica e social.

Neste sentido, ressalta que o processo de ensino e aprendizagem desse aluno deve contemplar uma criteriosa relação entre mediação pedagógica, cotidiano e formação de conceitos, destacando a importância do papel da ação mediadora que o professor desempenha no ensino.

> O professor em sua relação com o aluno conduz a apreensão dos significados tomados, também dos conceitos elaborados, além de fazer uso de instrumentos e da sua própria linguagem em seu processo de ensino e aprendizagem, tornando o conhecimento mais acessível (ORRÚ, 2010, p. 09).

Cunha também analisa a ação mediadora na educação de autistas e destaca: “A mediação é o processo de intervenção na relação do aluno com o conhecimento. É toda intervenção pedagógica que possibilita esta interação” (2016, p. 62).

Este autor conceitua a mediação como um movimento pedagógico que requer planejamento e organização. Sobre a ação mediadora declara: “A ação do mediador não é facilitar, porque mediar processos de aprendizagem é, sem sombra de dúvidas, provocar desafios, motivar quem aprende” (2016, p. 62).

Percebe-se, desta forma, a importância da mediação escolar na educação de alunos com TEA e que a ação mediadora, devidamente organizada e planejada pode ser fundamental para a aprendizagem.

5. O Uso dos Recursos da Tecnologia na Promoção da Aprendizagem do aluno com TEA.

A tecnologia está cada vez mais presente no nosso dia a dia. Em todos os espaços, quer seja no trabalho ou no lazer, não podemos mais viver sem o seu potencial transformador.

No âmbito da educação escolar, a tecnologia, tem se apresentado como um meio importante para o avanço do conhecimento. Por isso, cada dia que passa, professores utilizam este instrumento, como forma de aprimorar o processo de ensino e aprendizagem.

Na escolarização das pessoas com deficiência, a utilização dos recursos advindos das tecnologias ultrapassa o caráter instrumental e revelam ser preciosas ferramentas para o acesso ao currículo.

Para Galvão Filho (2002), a tecnologia é um recurso que proporciona autonomia, para o processo de aprendizagem, já que as limitações físicas ou sensoriais tendem a tornar-se um obstáculo para o processo de aprendizagem da pessoa com deficiência.

Seabra e Mendes (2009), também destacam a importância da acessibilidade dos alunos com deficiência aos recursos tecnológicos da escola e os benefícios que estes trazem à autonomia destes sujeitos. Todavia, ao fazer referência à inclusão escolar, as referidas autoras, reconhecem:

> Colocar um aluno com deficiência numa sala de aula sem oferecer recursos que possibilitem que ele enfrente as diferentes situações de forma funcionalmente competente pode não ser suficiente. (p.1).

Neste sentido, cabe pensar em todo o processo de inclusão de modo a fornecer meios, criando condições para que os estudantes em condições de deficiências possam se desenvolver e aprender de maneira justa equiparada com os demais pares.

Sendo assim, a acessibilidade às tecnologias no contexto da educação inclusiva é algo imprescindível, que favorece a participação do aluno ao currículo sem discriminação.

Galvão Filho (2009), destaca que no contexto da educação inclusiva existe um número incontável de possibilidades, de recursos simples e de baixo custo, que podem e devem ser disponibilizados nas salas de aulas inclusivas, e que a disponibilidade e adaptação podem ser bastante simples e artesanais, às vezes arquitetados por seus próprios professores.

No âmbito da educação de autistas, estes recursos têm ganhado espaço, por influenciar positivamente na aprendizagem e desenvolvimento do estudante. Dentre estes, podemos citar os recursos que são construídos, de formas artesanais até os mais sofisticados, como, tablets, Ipdes, softwares, aplicativos e os auxílios externos amplamente utilizados na área da Comunicação Alternativa.

Mas, o que é Comunicação Alternativa? Bersch e Sartoretto nos esclarecem, “Comunicação Alternativa é uma área da tecnologia assistiva, que se destina especificamente à ampliação de habilidades de comunicação” (2017. p.01).

Segundo estas autoras, o objetivo da Comunicação Alternativa é auxiliar, pessoas sem fala ou sem escrita funcional ou defasagem comunicativa em habilidade de falar ou escrever.

Seus escritos também fazem referências, a auxílios externos, a partir de outros canais de comunicação diferentes da fala como; os gestos, sons, expressões faciais e corporais, cartões de comunicação, pranchas alfabéticas, vocalizadores, computadores e softwares específicos para ampliar ainda mais o repertório comunicativo que envolve habilidades de expressão e compreensão.

Orrú (2012), também destaca o uso dos sistemas de Comunicação Alternativa e salienta que estes podem ser classificados como “sem ajuda” e “com ajuda”, o primeiro relacionado à utilização de gestos de uso comum, língua de sinais, códigos gestuais e expressões faciais e o segundo, os que abarcam elementos de representação externos como os iconográficos, objetos, fotografia, desenhos representativos e sistemas de desenhos lineares como os pictogramas, que objetivam o desenvolvimento da capacidade da pessoa em exprimir pensamentos e sentimentos e exceder o limite de suas incapacidades.

No Sistema de Comunicação Alternativa também são utilizados recursos de baixa tecnologia, composto por elementos acessíveis de baixo custo e que podem ser confeccionados e personalizados de acordo com a necessidade da pessoa, e os de alta tecnologia com suporte de recursos complexos e com alto custo.

Smith (2008) declara que as pessoas com autismo normalmente não precisam de apoio da alta tecnologia, em vez disso, a tecnologia útil aos autistas na maioria dos casos são simples e de baixo custo.

Um dos recursos utilizados e amplamente conhecido no mundo inteiro, são os materiais e cartões com elementos representativos de imagens e figuras, denominados de PCS – (Símbolos de Comunicação Pictórica).

O PCS é uma técnica de intervenção criada pela fonoaudióloga estadunidense Roxanna Mayer Johnson em 1980. Esta técnica de comunicação utiliza desenhos simples de fácil reconhecimento, facilmente combináveis e úteis para criação de atividades educacionais. O sistema de símbolos PCS geralmente é aplicado na intervenção de Autistas com graves atrasos na fala e grandes comprometimentos na área da linguagem.

Prancha de comunicação com símbolos PCS

Fonte: BERSCH, e SARTORETTO. Disponível em: http://www.assistiva.com.br/ca.html

Entre os recursos que utilizam imagens com símbolos estão os vocalizados, as pranchas de comunicação e os softwares específicos.

Imagem de um Vocalizador

Fonte: BERSCH, e SARTORETTO. Disponível em: http://www.assistiva.com.br/ca.html

Cartões de Comunicação

Fonte: BERSCH, e SARTORETTO. Disponível em: http://www.assistiva.com.br/ca.html

Imagens digitais

Fonte: BERSCH, e SARTORETTO. Disponível em: http://www.assistiva.com.br/ca.html

Estudos têm evidenciado que a comunicação por meio de imagens é uma das estratégias mais importante na intervenção no TEA. Devemos observar que a maioria dos autistas, possuem dificuldades em representar um objeto ausente, necessitando de instrumentos de apoio para que seja possível esta representação mental.

Assim, através do uso de imagens a pessoa com TEA obtém uma melhor compreensão, que vem colaborar significativamente no processo de organização do pensamento e da linguagem. Desta forma, um dos principais motivos para utilização da linguagem visual é considerá-la uma ferramenta importante para potencializar a aprendizagem destes estudantes.

Utilização de recursos visuais - Conceitos Matemáticos

Fonte: Inspirados pelo Autismo. Disponível em: https://www.inspiradospeloautismo.com.br/como-ensinar-matematica-para-crianças-com-autismo/assistiva.com.br/

Materiais concretos como, figuras geométricas, peças coloridas e miniaturas também cumprem a mesma função, como recursos acessíveis representam um ganho significativo na aprendizagem, permitindo ao aluno com autismo o desenvolvimento de habilidades de observação, investigação, análise e raciocínio. A

utilização destes materiais além de estimular a capacidade de construir significados desperta a atenção e promove a ampliação do seu vocabulário.

Material concreto – Atividade somando com dominós

Fonte: ideiacriativa.org. Disponível em: https://www.ideiacriativa.org/

Agendas, calendários, listas, roteiros de estudos ou tabelas, também podem auxiliar o aluno na organização temporal e espacial, no planejamento e antecipação de ações, sendo um recurso importante até mesmo em situações difíceis, como inflexibilidade com mudanças de rotinas.

Agenda com descrição de atividades escolares.

Fonte: BERSCH, e SARTORETTO. Disponível em: http://www.assistiva.com.br/ca.html

Já os jogos, dentre eles os de caráter lúdico cooperativo são importantes à medida que promovem o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do autista. São considerados relevantes, pois estimulam aspectos afetivos, proporcionando ganhos em habilidades sociais. Sendo assim, um instrumento significativo no processo de inclusão escolar.

Jogo Cooperativo – Atividade ao Ar livre

Fonte: site cooperamosnaescola. Disponível em: https://cooperamosnaescola.wordpress.com/

É importante reconhecer que todos os recursos que a escola pode oferecer aos estudantes com TEA, podem oportunizar a aprendizagem contribuindo, assim, para a superação das dificuldades seja na comunicação e socialização, bem como impulsionar o desenvolvimento do aluno.

Considera-se, portanto, que possíveis intervenções utilizando estes instrumentos tem resultado em novas aprendizagens, ajudando na construção de conceitos e no desenvolvimento da autonomia deste aluno no ambiente escolar.

6. Relato da Implementação do PDE na Escola

Com o objetivo de responder aos anseios dos professores desenvolvemos uma proposta de intervenção aberta aos profissionais da escola e aos profissionais interessados no tema.

A Intervenção Pedagógica ocorreu em forma de grupo de estudo/curso presencial, oferecido aos Professores e Pedagogos das Escolas Estaduais e Municipais de Dois Vizinhos, envolvidos na inclusão e escolarização de alunos com autismo. O estudo ocorreu durante os meses de março a maio de 2017, no CEEBJA de Dois Vizinhos, totalizando 32 horas que foram certificados pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus - Francisco Beltrão.

O objetivo da intervenção na escola foi instrumentalizar os docentes sobre a importância dos conhecimentos a respeito do Autismo e as possíveis mediações que podem ser realizadas no contexto escolar para inclusão deste estudante.

A metodologia utilizada na implementação, incluiu, a exposição teórica, estudos de textos, discussão em grupos, dinâmicas, análise de vídeos e documentários. Os estudos desenvolvidos pautaram-se pelo uso da Produção

Didática Pedagógica (BENINI e CASTANHA, 2016), material produzido como atividade do PDE, os quais continham os referenciais, que enriqueceram o debate a cerca da inclusão e das possíveis estratégias no ensino e aprendizagem destes estudantes.

Durante o curso, abordamos temas pertinentes à inclusão da pessoa com autismo, tendo em vista os caminhos que podem ser explorados no processo de ensino e aprendizagem destes alunos.

Paralelamente a implementação, também realizamos o Grupo de Trabalho em Rede – GTR. Neste espaço virtual de formação, socializamos os fundamentos teóricos do nosso estudo, e os resultados da Intervenção na escola, propondo a reflexão e interação dos pedagogos, que já atuam com alunos autistas nas escolas regulares do Estado do Paraná.

Durante a implementação do Projeto, registramos alguns apontamentos, que fazem parte de relatos e produções, que nos permitiram conhecer um pouco mais das experiências vivenciadas por estes profissionais no cotidiano escolar.

Ao longo dos encontros, observamos uma grande curiosidade dos professores e pedagogos em conhecer o que é o Autismo, os sinais e as formas de trabalhar com o aluno em sala de aula. Percebemos, que na maioria das vezes, estas curiosidades são acompanhadas de um sentimento de angústia, inquietude e preocupação em ajudar o aluno de alguma maneira.

Constatamos pelos relatos, que a simples atitude em ajudar, (prestar ajudas físicas ou acolher) embora importante, ao longo do tempo tem demonstrado ser insuficiente no processo de inclusão destes alunos.

Sobre conhecer o TEA, percebemos que os docentes consideram este conhecimento, imprescindível, ficando este entendimento evidenciado quando remetem à falta de formação, como um dos principais desafios a ser superado na inclusão e quando avaliam a implementação do PDE como uma ação importante para a escola.

No tocante as ações desenvolvidas nas salas de aulas, os professores revelam haver dificuldades de implementar práticas que respondam as necessidades destes estudantes. Revelam, que tais dificuldades advêm das condições precárias, como a falta de investimentos em recursos tecnológicos, número elevado de alunos na sala e falta de conhecimento em realizar adaptações em atividades. Observamos, assim, que em termos de apoio ao aluno com TEA, as

ações vistas na escola, são baseadas em experiências já vivenciadas com outros alunos que têm condições de deficiência distintas dos do TEA.

Durante o caminho percorrido na implementação na escola e GTR, obtivemos também, muitas contribuições, a maioria destas, construídas coletivamente num processo de diálogo e intensa discussão e reflexão sobre a temática.

A partir dos conhecimentos teóricos, elaboramos roteiros de ações, possíveis de serem implementadas na inclusão do estudante autista na escola. Dentre algumas ações sistematizadas, das quais podemos citar: a) realização de reuniões regulares entre os envolvidos no atendimento dos estudantes com autismo; b) a comunicação entre professores e família com o uso de instrumentos como agendas, cadernos e outros, sob a orientação dos multiprofissionais que já atendem estes alunos junto aos professores e equipes pedagógicas das instituições; c) a criação de espaço para formações e grupos de estudos sobre a temática buscando estratégias viáveis e efetivas de atendimento aos alunos com TEA; d) um olhar dos pedagogos para o currículo aplicado nas escolas regulares que possuem alunos com deficiências, como o autismo, e) a proposição de mudança nas metodologias, utilizando e oferecendo materiais de apoio, readaptando espaços se for o caso.

Diante das valiosas contribuições que enriqueceram o debate sobre a inclusão dos alunos com autismo, avaliamos que nosso estudo foi importante para o esclarecimento da temática.

Obtivemos a participação ativa dos professores e pedagogos, que intensificaram o debate acerca de práticas e ações possíveis de serem implementadas no âmbito da educação destes alunos.

Temos clareza das limitações do nosso estudo, no que diz respeito ao uso da tecnologia no âmbito da educação de autistas. Contudo, sem a pretensão de esgotar o assunto, continuaremos aprimorando nossa intervenção com pesquisas, estudos e formações, propondo melhorias na escolarização destes estudantes.

Considerações Finais

Determinados a conhecer mais, sobre a temática do Autismo e refletir sobre a inclusão destes estudantes na escola comum, percorremos um longo caminho, de pesquisa bibliográfica e de estudos com professores e pedagogos e a fim de compreender sobre práticas pedagógicas inclusivas voltadas para alunos com TEA.

Fundamentados, em uma abordagem, que não se baseou somente na descrição de déficts do autista, mas evidenciou as áreas de potencialidades destes sujeitos, fomos desafiados a tratar sobre o tema, rompendo com os estigmas da incapacidade, evidenciando, a melhoria na aprendizagem que estes estudantes conseguem por intermédio de mediações bem planejadas e organizadas na escola.

Desta forma, abordamos ao longo da implementação a importância em oferecer situações significativas que potencializem a conquista de habilidades cognitivas e sociais e a crescente autonomia no contexto da escola regular.

Reconhecemos que bons resultados na inclusão de autistas são percebidos, quando os profissionais, respondem as necessidades de aprendizagem destes alunos, com a implementação de ações e estratégias inclusivas em todos os espaços da escola.

Assim, ao trazer o tema do Autismo no campo especifico da Pedagogia esperamos, ter colaborado com os Pedagogos que acreditam que é possível ensinar e aprender mesmo diante de tantos desafios que surgem na inclusão.

Portanto, esperamos que nosso estudo tenha contribuído para o fortalecimento desta discussão e possa ter apontado novos horizontes para a construção de caminhos mais humanizados na educação.

Referências Bibliográficas

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://c026204.cdn.sapo.io/1/c026204/cld-file/1426522730/6d77c9965e17b15/b37dfc58aad8cd477904b9bb2ba8a75b/obaudoeducador/2015/DSM%20V.pdf> acesso em 16 de setembro de 2016.

BENINI, Wiviane e CASTANHA, André Paulo. **Incluir e Ensinar**: os desafios e possibilidades na inclusão da pessoa com autismo na escola comum. (PRODUÇÃO DIDÁTICO PEDAGÓGICA). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde2012/arquivos/6042827-132.pdf?PHPSESSID=ba130048f4d55a0968c06e1f21eeb908

BERSCH, Rita. SARTORETTO, Maria Lúcia. **Assistiva Tecnologia e Educação**. http://www.assistiva.com.br/tassistiva.html, acesso em 18 de julho de 2017.

BRASIL. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Tecnologia Assistiva**. Comitê de Ajudas Técnicas. Tecnologia Assistiva . – Brasília: CORDE, 2009. Disponível em: < http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/livro-tecnologia-assistiva.pdf> acesso em: 25 de outubro de 2016.

CRUZ, Talita. **Autismo e Inclusão:** experiências no ensino regular. Jundiaí: Paco editorial, 2014.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola**: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Cartilha Direito das Pessoas com Autismo**. São Paulo, 2011.

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. **As novas tecnologias na escola e no mundo atual: fator de inclusão social do aluno com necessidades especiais?** In: Anais do III Congresso Ibero-Americano de Informática na Educação Especial, Fortaleza, MEC, 2002. disponivel em http://www.galvaofilho.net/comunica.pdf acesso em 15 de julho de 2016

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. **A Tecnologia Assistiva: de que se trata?** In: MACHADO, G. J. C.; SOBRAL, M. N. (Orgs.). Conexões: educação, comunicação, inclusão e interculturalidade. 1 ed. Porto Alegre: Redes Editora, p. 207-235, 2009. Disponível em: <http://www.galvaofilho.net/TA_dequesetrata.htm> acesso em 27 de outubro de 2016.

MANUAL PARA AS ESCOLAS. **Autismo & Realidade.** 2011. Disponível no site: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/Manual_para_as_Escolas.pdf>. Acesso em 07 de julho de 2016.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo:** guia prático. 6ª ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. Disponível em: <http://www.ama.org.br/site/images/home/Downloads/guiapratico.pdf> acesso em 15 de julho de 2016.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

_____. **Contribuições da abordagem histórico-cultural na educação de alunos autistas**. Humanidades Médicas. Sep-Dic 2010; v. 10, número 3.

PASSERINO, Liliana Maria. **Comunicação alternativa, autismo e tecnologia**: estudos de caso a partir do Scala. In: MIRANDA, Theresinha Guimarães; GALVÃO FILHO, Teófilo Alves (Org.). **O professor e a educação inclusiva**: formação, práticas e lugares. Salvador/BA: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2012, p. 217-240.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico cultural da educação. 25º Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

SEABRA, Mariana. MENDES, Enicéia, Gonçalvez. **Escolha dos recursos de alta tecnologia assistiva para a inclusão de crianças com paralisia cerebral** in: Anais do V Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial. Londrina 2009. disponível em: < http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2009/167.pdf> acesso em 29 de outubro de 2016.

SMITH, Deborah Deutsch. **Introdução a Educação Especial**. Ensinar em tempos de inclusão. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.